



## SOCIEDADE FILARMÓNICA RECREIO E UNIÃO ALHOSVEDRENSE

**A** Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense é a colectividade mais antiga do Concelho da Moita. Fundada a 2 de Agosto de 1869 por D. Manuel Sampayo e Castro (Conde de Sampayo), insere-se no amplo movimento de criação de associações que surgem na mesma altura um pouco por todo o país, fruto da vitória das ideias liberais. A finalidade da sua criação segue, assim, em traços gerais, as ideias liberais sobre a valorização e realização do indivíduo, condição forçosa para a implantação de um novo tipo de sociedade. Neste sentido, tomam as novas associações como objecto a satisfação das necessidades espirituais e intelectuais dos

seus membros, procurando a sua elevação cívica. Na SFRUA, as reuniões, palestras culturais, excursões recreativas e turísticas bem como instrução escolar com aulas de alfabetização, música, dança, jogos lícitos, são algumas das iniciativas dinamizadas que sócios e familiares podem usufruir.

Na Rua Cândido dos Reis funcionou a primeira sede da Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense, inaugurada em 2 de Agosto de 1871. Nesta data, entra também em actividade a banda filarmónica. Era presidente da Direcção, nessa altura, D. António de Sampayo Mello Castro (Marquês de Sampayo), filho do fundador. A Família Sampayo, compreen-



*Segunda fase das obras da sede social.*

dendo a importância das artes como meio privilegiado de elevação do espírito, mas expressando também a sua postura filantrópica e o gosto pelas artes, comprou muitos dos instrumentos musicais da banda. Como naquele tempo, o rio ainda era o meio de transporte preferencial, os Sampayo disponibilizaram ainda um barco para as deslocações da filarmónica. A recepção que a população de Alhos Vedros fez à banda, que tinha o espanhol D. Dominguez como maestro titular, foi triunfal, tendo-se registado no cais da vila grande animação e lançamento de foguetes. As prestações musicais da banda filarmónica da SFRUA atingem níveis de grande

nota artística, espalhando a sua fama e consolidando-se, por volta de 1906, como uma das melhores bandas do país. Com a construção do coreto na Praça da República, em 1920, aumentam as audiências às actuações da banda filarmónica.

Passa, entretanto, a sede da colectividade para a Rua 5 de Outubro. Em 30 de Março de 1929 é comprado o terreno onde estão as actuais instalações. Na altura, era presidente da Direcção o Sr. Luís da Costa; vice-presidente, o Sr. José Jorge e como tesoureiro o Sr. João Pereira Damaso. Dá-se, então, início à construção de uma nova sede, que será inaugurada em 2 de Agosto de 1932, contando com sala de espectá-



*Bar da Colectividade.*

culos, palco e biblioteca. Os principais empreendedores da obra foram os Srs. Pedro de Aquino, Manuel Aquino, Virgílio Pereira, João Marques Estaca e Francisco Ribeiro. De salientar que este último edifício, a partir do qual tem sido realizado sucessivas obras de remodelação e de expansão da área edificada, tem mantido sempre a sua traça original. O dinamismo das sucessivas direcções que vão passando pela SFRUA determina o alargamento das instalações da colectividade. Assim, em 1945, a sede é ampliada, construindo-se um bar, sala de jogos, gabinete de direcção, sala de ensaios e instalações sanitárias. Em 1956, a Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense, realizou os primeiros jogos florais.

Em 1987, a direcção, liderada por António Rato, decide avançar com o projecto da 2ª fase da sede. A obra é inscrita no PIDDAC, conseguindo-se, assim, boa parte do financiamento da obra. No en-

tanto, só em 1988, já sob a direcção presidida por Rui Joaquim Rosa Madeira, a direcção vê o projecto aprovado pela Câmara Municipal, que exigiu a manutenção da traça arquitectónica do edifício. Mas é em 1990, com os destinos da SFRUA a serem comandados pela direcção de João Cruz, que a obra é, finalmente, lançada. Em 2 de Abril têm início os trabalhos. Orçada em 55.000 contos, a obra teve a participação da DGOT, com 31.000 contos e da Câmara Municipal da Moita, com 6.300 contos. O resto da verba foi conseguida através de um novo empréstimo e de iniciativas para angariação de fundos. Em 12 de Setembro de 1993, Sua Ex<sup>a</sup> o Primeiro Ministro, Dr. Aníbal Cavaco Silva, inaugurou a obra. Com as novas instalações, ficou a SFRUA preparada para responder não só às exigências actuais, em termos de carência de espaços dignos para dinamizar as suas actividades culturais e desportivas mas, sobretudo, entra no



*Reconstituição da Outorga do Foral a Alhos Vedros: representação da Corte de D. Manuel.*



*Desfile da Corte de D. Manuel, pelas ruas de Alhos Vedros.*

próximo século com a certeza de poder satisfazer as exigências dos seus associados e da população de Alhos Vedros.

### **Medalha de Mérito**

Em 5 de Fevereiro de 1993 a SFRUA é distinguida com a Medalha da Ordem de Mérito, concedida por Sua Ex<sup>a</sup> o Sr. Presidente da República, Dr. Mário Soares, no âmbito da presidência aberta. Esta distinção, que constitui um marco histórico para a SFRUA é, sem dúvida, o reconhecimento merecido do trabalho que gerações de associativistas e associados desenvolveram desde a fundação da colectividade.

### **Medalha de Honra do Município**

Em 30 de Setembro de 1994, chega o reconhecimento concelhio, através da atribuição da Medalha de Honra do Município pela Câmara Municipal da Moita.

### **Pavilhão Gimnodesportivo**

Na década de 50 a necessidade de fomentar a prática desportiva dos sócios e familiares vai determinar o surgimento de um projecto verdadeiramente grandioso: o pavilhão gimnodesportivo. Para a direcção da altura tratava-se de participar activamente na acção educativa dos jovens, através das actividades físicas, como



*Festa para crianças.*



*Visita de Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República Dr. Mário Soares, aquando da distinção da SFRUA com a Medalha da Ordem de Mérito.*

resposta aos desequilíbrios provocados pelo ritmo acelerado e pelas tensões da vida civilizada. Mas a necessidade de um espaço mais amplo e com condições para a realização de sessões culturais, sessões dançantes, teatro e espectáculos, também pesou na decisão de construir o pavilhão gimnodesportivo. Assim, lançou-se a construção do pavilhão gimnodesportivo, que é inaugurado a 19 de Outubro de 1974, com a actuação da classe de ginástica do Sporting Clube de Portugal. As inúmeras campanhas de angariação de fundos foram infrutíferas. Em Assembleia Geral de 26 de Novembro de 1971 os sócios dão plenos

poderes à Direcção para contrair um empréstimo junto da Caixa Geral de Depósitos. As obras começaram nos finais de 1971. De salientar que grande parte da realização das obras contou com o esforço voluntário dos associados, dirigidos por um mestre de obras. Apenas o telhado, em fibrocimento, não teve intervenção dos sócios. Foi colocado por uma empresa da especialidade.

Após o 25 de Abril, as prestações à Caixa Geral de Depósitos deixam de ser pagas. Em resultado dos juros acumulados a dívida cresce. É formada, então, uma comissão de fundos com o objectivo de

angariar verbas para regularizar os pagamentos com a Caixa Geral de Depósitos. Fizeram parte dessa comissão João Cruz, Manuel Gomes Esteves, Orlando Duro, Rui Madeira, Luis Gaiolas, Manuel Cardador, José Alho, que deixaram regularizada a situação económica da colectividade.

### **Biblioteca**

Nas antigas instalações existiu uma biblioteca muito concorrida na época pelos sócios e familiares. De recordar que nesta sala existiu em tempo aulas de Esperanto,

leccionadas por Aníbal Paula e António Serafim Calérias. Na altura em que a biblioteca foi fundada os sócios pagavam de quota 4\$00. Para aceder às leituras na biblioteca pagavam uma quota suplementar no valor de 1\$00. As quotas para a biblioteca terminaram em 1971. A principal leitura procurada pelos sócios, entre todo o fundo bibliográfico disponível, era a leitura de jornais, principalmente o jornal “A República”. Com a opção de possibilitar a leitura dos jornais no bar da colectividade a biblioteca perde muita da sua frequência.



*Alius Vetus.*

### **Alius Vetus**

Em 1987 a Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense cria, com o apoio da Junta de Freguesia de Alhos Vedros, o Grupo Coral Alius Vetus, que colheu de imediato a atenção dos mais interessados pelo canto. Projecto inovador, o Alius Vetus foi, progressivamente, colhendo a admiração da população de Alhos Vedros, tornando-se mesmo um dos emblemas culturais da terra.

O Grupo Coral Alius Vetus é, na sua maior parte, constituído por homens e mulheres, entre os 40 e 60 anos. A camada dos mais jovens, embora com menos representatividade, também aderiu. A integração no Grupo Coral passa pela

aprendizagem do solfejo e das técnicas vocais de colocação de voz, procurando-se uma situação óptima em que a voz individual é diluída no conjunto. O repertório do Alius Vetus é vasto, abrangendo espirituais negros, música sacra, Fernando Lopes Graça, época medieval, renascença e música popular portuguesa.

O primeiro maestro do Alius Vetus foi o sr. Casimiro da Silva. Actualmente, actua sob a direcção do maestro Maurício Vieira da Silva, granjeando nas suas inúmeras digressões, em Portugal e no estrangeiro, a admiração do público e conquistando com mérito um espaço neste tipo de manifestação cultural. Entre as actuações do Grupo Coral Alius Vetus destaca-se a



*Escola de música.*



*Corso carnavalesco.*

participação num desfile quinhentista em Silves, em que interpretou música da época.

O coro polifónico celebrou com a Câmara Municipal um Protocolo de Valorização e Divulgação Artística.

Possui, também, a SFRUA uma escola de música e de educação musical. A escola é dirigida aos mais pequenos, entre os 6 e 7 anos.

### **Corso Carnavalesco**

Os bailes de Carnaval na Velhinha sempre foram muito concorridos e animados, gozando mesmo de alguma reputação fora dos limites do concelho, pela forma

tão viva e entusiasmada com que os alhosvedrenses vivem essa época particular de fobia e de diversão. Seria, pois, de esperar que disposição tão aberta para interpretar e viver o período carnavalesco gerasse, com alguma naturalidade, um movimento disposto a dar ao carnaval em Alhos Vedros uma outra dimensão, com uma participação mais abrangente e organizada e que colhesse a adesão de toda a população. O objectivo era a criação de um curso carnavalesco que contasse com as colectividades e associações, com as escolas, com os comerciantes, com os mais expansivos e também com os mais recatados. As pessoas motivadas para levar a bom termo



*Confecionando os trajes de carnaval.*



*Curso carnavalesco.*

o empreendimento da tarefa complexa de construir um carnaval sustentado unicamente pelo potencial humano e económico da vila foram Vitor Cabral, na altura

vice-presidente da colectividade, Vivelinda Sousa, Vladimiro Sousa e João Sequeira dos Santos. Corria então o ano de 1990. Durante o Inverno a organização preparou o primeiro curso de carnaval, que saiu no ano seguinte, em 1991. Não houve tema e o desfile, feito com base na “prata da casa”, limitou-se a carros alegóricos com motivos relacionados com as secções desportivas da colectividade. Saiu também um carro representando uma gôndola veneziana e um carro com a rainha do carnaval. Todo o processo criativo e coordenação logística foi idealizada e concretizada pelos elementos da comissão, uma opção reconhecidamente proveitosa para a colectividade dada a estatura intelectual das pessoas envolvidas. O desfile foi aberto gratuitamente para a assistência, situação que se tem mantido ao longo dos anos. Houve no entanto, durante o percurso, um pequeno peditório aos transeuntes, por forma a encurtar as despesas.

A primeira edição do curso de carnaval da Velhinha não relevou da qualidade desejada pela assistência, habituada aos cursos das redondezas, que apresentavam já índices elevados de atractivo em termos de côr, alegria e música. Mas a semente estava lançada. O curso de 1991 era o prelúdio de um grande evento, que começava a passos pequenos e que estava destinado a crescer para o êxito. A vontade da



*Jovens lançando serpentinas.*

organização em realizar algo mais grandioso e envolvente, que cativasse a população e as forças vivas da freguesia sempre foi manifesta. Surge, assim, em 1992, o convite às colectividades da freguesia para uma organização conjunta do curso carnavalesco de Alhos Vedros. Ao desafio responde somente o Grupo Recreativo e Familiar do Bairro Gouveia, que participa com um carro alegórico e figurantes. Neste ano pertenceram à comissão do carnaval, além dos elementos do G.R.F, os seguintes elementos da Velhinha: Vitor Manuel Rodrigues Cabral, Vladimiro Ramos Sousa, João Sequeira, Baltazar Vieira, Aníbal Dias, João Rodrigo Ribeiral, Jorge

António Murtas, António Cunha, Paulo Dias, Vivelinda Sousa e Edite Cabral. A colaboração na organização dos próximos cursos não teve continuidade. A ideia de um curso carnavalesco construído com a participação de todas as colectividades e associações de Alhos Vedros esmoreceu por falta de adesão. No entanto, apesar de algumas contrariedades, que sempre surgem, o curso de 1992 apareceu já com uma certa estrutura, deixando antever um futuro promissor. Tem um cartaz, que lhe permite uma certa visibilidade. Tem um programa, que apresenta o desfile dos carros alegóricos e as fantasias. O som é instalado nos carros.



*Animação do corso enche as ruas de Alhos Vedros.*

Mobilizar o interesse dos alhosvedrenses e procurar o seu empenhamento na participação de um corso com uma qualidade mais apurada, com bastantes atractivos no campo da diversão, mais elaborados e creativos, e que despertasse a atenção das localidades vizinhas, era o encargo seguinte. No horizonte, perspectivava-se o lançamento de um corso que assegurasse a Alhos Vedros um lugar de projecção na longa lista dos carnavais do País. Juntaram-se então dezenas de associados, com particular destaque para a camada jovem, em torno do grande projecto do Corso

Carnavalesco de Alhos Vedros, um dos mais apelativos da região e que arrasta anualmente milhares de pessoas que ali se deslocam para viverem momentos de alegria e de euforia associados à época. A SFRUA apostou e ganhou. Em cada edição as expectativas são ultrapassadas, criando raízes profundas na população de Alhos Vedros e, em particular, nos associados da Velhinha.

No Domingo ou na terça-feira de Carnaval cerca de 450 figurantes vão desfilando e espalhando a sua alegria, contagiando e agitando a assistência, que

também se diverte com os quadros humorísticos apresentados. Mas para que o carnaval saia há todo um conjunto de preparativos que têm repercussões importantes no sucesso do corso e que ocupam as noites, por vezes também os dias, de uma equipa voluntária e dedicada responsável pelos ensaios, pela história, pelos temas musicais, pela confecção do guarda-roupa e pelas provas, pela escolha dos materiais, pela decoração dos carros alegóricos e pelas inscrições. Fazer um curso carnavalesco com a dimensão do da SFRUA não é tarefa fácil. Sem um conjunto de pessoas decididas e aplicadas como as que se encontram disponíveis para a Velhinha dificilmente qualquer curso ganharia forma. Ainda o Verão não acabou e já o afã carnavalesco tomou posse das horas e dos trabalhos de mulheres e jovens que, nas instalações da Velhinha, confeccionam as fantasias. Vivelinda Sousa, Edite Cabral, Vitália Mendes, Luísa Galvão, Stela Bárbara, Fátima Pires e Maria João Cabral são as costureiras que mais se têm distinguido na feitura das máscaras, produzindo fatos de beleza indiscutível e que dão um brilho especial ao curso. Na SFRUA o espírito carnavalesco começa logo em Setembro e arrasta-se pelo Inverno.

A animação musical é uma das componentes mais importantes para o êxito do



*Os mais pequenos também vão no curso.*

curso. Há que escolher criteriosamente de entre as batidas do momento aquelas que possuam um ritmo irresistível e façam vibrar figurantes e assistência. Geralmente a comissão do carnaval escolhe os temas, guiada por uma espécie de intuição, muito atenta aos sambas. Há que confiar no ritmo interior, receita que até agora se tem mantido infalível. Depois, é planejar o número de carros e figurantes. Os destaques, as alas. Conceber as fantasias, escolher as cores, comprar tecidos, lantejoulas, plumas.

Em 1998 a comissão ensaiou a coloca-

ção de um arraial iluminado que conferiu um encanto especial às artérias do percurso. Decorou-se a rua com motivos do mar: peixes, conchas, estrelas do mar, etc. O cortejo, que saiu da Velhinha, passou pela Avenida da Bela Rosa, Morçoas, Rua Vasco da Gama, Rua Agostinho Neto e Rua General Humberto Delgado, e terminou na Praça da República. O som foi transmitido através de instalação sonora colocada nos postes do arraial. Em 1999 a organização pôs de lado esta opção e regressou à forma original.

Desde a primeira edição até 1998 os acessórios e as decorações dos carros alegóricos decorreram por parte da comissão em instalações cedidas pelo Sr. José Mário Cabrita. Em 1999 os carros alegóricos foram já fabricados por uma firma da especialidade, em Felgueiras.

Momento alto dos preparativos do curso é o concurso para escolha da rainha do carnaval, que desfila em carro próprio. Até 1998 a rainha do Carnaval era eleita num baile próprio que se realizava quinze dias antes da saída do curso. Em 1999 a comissão do carnaval optou por um desfile.

O curso carnavalesco é dispendioso, representa um investimento avultado que a colectividade não conseguiria comportar sem alguns apoios financeiros e algumas receitas geradas pelo próprio carnaval. A inscrição dos figurantes não carece de

qualquer taxa na forma de numerário mas, geralmente, estes contribuem sempre com um donativo. Dos apoios financeiros destacam-se os comerciantes e industriais de Alhos Vedros, Região de Turismo da Costa Azul, subsídios da Junta de Freguesia de Alhos Vedros e da Câmara Municipal da Moita, além do Governo Civil de Setúbal. Feirantes, ofertas e rifas, a venda e o aluguer dos fatos das edições anteriores também constituem receitas.

Diversos têm sido os temas que ao longo dos anos inspiraram o curso carnavalesco da Velhinha. Em 1993 as fantasias foram inspiradas nos tempos da ocupação árabe e da conquista cristã. Mouros e odaliscas baixaram, então, as armas e juntaram-se ao folgado com cruzados, cavaleiros, reis, rainhas e gente do povo cristão. Em 1994 a organização recorreu, novamente, à riqueza histórica de Alhos Vedros. O motivo foi inspirado no tempo de D. João I, com os descobrimentos e a expansão marítima. Infantes, pagens, cavaleiros, damas e figuras dos países e continentes descobertos pelos portugueses acompanharam o rei no desfile. Em 1995 o curso fez as delícias dos mais pequeninos. A temática ancorou-se nas crianças e na fantasia infantil, apresentando um desfile bem colorido composto por inúmeras personagens da banda animada infantil. A Branca de Neve e os sete anões, a Cinderela e as

fadas, o Peter Pan e os piratas, a Alice e as suas cartas, O Capuchinho Vermelho e o Lobo Mau e os Flinstones passearam-se animadamente pelas ruas de Alhos Vedros, proporcionando à assistência momentos únicos de diversão e de brincadeira. Em 1996 a organização regressou de novo à temática histórica, revisitando os impérios antigos: Egípcio, Grego, Romano e Azteca. Nesta edição, desfilaram pelas ruas de Alhos Vedros Faraós, sacerdotes, escribas, escravos, deuses e deusas gregos, legionários romanos e índios aztecas. Em 1997 o enredo foi construído em torno do

mundo das artes e do espectáculo. O desfile de “Luzes da Ribalta” conduziu o público e os foliões pelo teatro, pela dança e pelo circo, pelo cinema e pela revista. Em 1998 o mote foi “O Futuro é o Mar”, interligando-se temas associados à água como a localização ribeirinha de Alhos Vedros, a comemoração dos descobrimentos e da chegada de Vasco da Gama à Índia e a Expo’98. As lendas, com as sereias, e a mitologia, com Neptuno, o tema do ambiente e do futuro, com a preocupação pela poluição e os grandes projectos das cidades submersas e da vida humana no



*Sarau de ginástica*



*Ginástica na rua - 25 Abril de 1999.*



*Sarau de ginástica.*

mar, o desporto e o lazer, com a pesca, foram os motivos da fantasia. 1999 foi o ano de “O Amor está no Ar”. Nesta edição saíram 5 carros alegóricos e 450 figurantes. Romeu e Julieta de Shakespeare, Vénus, Apolo, Pierrot, Sultão e odaliscas, fadas, princesas. Neste último ano a comissão do carnaval foi constituída por Alice Correia, Almerinda Lavrador, Cláudio Neves, Edite Cabral, Fátima Pires, Graça Eusébio, João Gaspar, João Sequeira, José Luis Soares, Luísa Galvão, Maria João Casal, Paula Félix Tavares, Paula Panóias, Stela Bárbara, Telma e António Fernandes, Vitália Mendes, Torcato Mendes, Vitor Cabral, Nuno Vieira

e Carlos Cebolinho.

A brincar também se pode mostrar e reviver um pouco o passado e um curso de carnaval constituirá mesmo uma óptima oportunidade para por os mais jovens em contacto com a história. A componente pedagógica do carnaval de Alhos Vedros tem merecido uma atenção especial da organização, constituindo mesmo uma opção vencedora. É, pois, louvável a escolha de temas relacionados com a terra. As escolas, além de participarem no curso, solicitam em determinadas ocasiões os materiais à Velhinha, que os cede, para utilização em recriações históricas.

### **Actividades Desportivas**

Actualmente, existem na SFRUA diversas modalidades desportivas ao serviço dos sócios: ginástica, patinagem, basquetebol, badminton, karate, aeróbica, step, funk, abrangendo centenas de jovens. Durante as épocas desportivas participam nos diversos campeonatos regionais e nacionais obtendo muitas vezes prémios e distinções. De salientar os diversos títulos a nível nacional na área da ginástica.

Com a construção do Pavilhão Gimnodesportivo tem início a ginástica na Velhinha, sob o impulso de João Cruz. Desde a década de 70 que a ginástica é a



*Jovens praticantes de Karatê-Dô.*



*Treino.*

modalidade de eleição, sendo mesmo um berço de campeões. Nos anos oitenta chegou a ter 700 praticantes, conseguindo revelar grandes valores como o caso do Sérgio Nascimento. Nos dias de hoje a Velhinha conta com 150 praticantes de ginástica.

Na classe de competição a Velhinha possui brilhantes atletas que têm alcançado vitórias importantes no mundo da ginástica. Em 1996 o atleta Telmo Pereira, então com 12 anos, foi campeão de Portugal em esperanças na modalidade de Tumbling-Trampolins. Depois de vencer o campeonato distrital, no escalão de iniciados

venceu, seguidamente, o Regional e o Nacional. A vitória, no pavilhão da Ajuda, em Lisboa, proporcionou-lhe o apuramento para o campeonato mundial, que se realizou em Kamloops, Canadá.

Em 1998 os atletas da classe de competição alcançaram brilhantes resultados, destacando-se: Ana Fatia, campeã nacional de minitrampolim em juvenis; Vera Botão, campeã nacional de minitrampolim juniores; Jorge Santos, vice-campeão nacional de tumbling; Susana Ferreira, 3º lugar nacional de minitrampolim infantis e Telmo Pereira, campeão nacional de tumbling. A nível colectivo, a Velhinha



*Torneio de Karaté-Dó.*

sagrou-se campeã nacional por equipas de minitrampolim, em infantis femininos, Campeã nacional de minitrampolim em juvenis femininos. Em juvenis masculinos foi campeã nacional de minitrampolim e de duplo minitrampolim. Nesta época, aos excelentes resultados alcançados pelos ginastas da Velhinha, que conquistaram vários troféus, destacou-se, ainda, a selecção de Telmo Pereira e Ana Fatia para participarem nos jogos mundiais por idades que decorreram em Sidney, na Austrália. Competiram nas modalidades de tumbling e minitrampolim, classificando-se entre os melhores atletas do mundo, em 11º e 23º,

respectivamente. Telmo Pereira foi o terceiro melhor classificado da Europa, no seu escalão etário.

Todos os anos a Velhinha realiza o seu habitual e prestigiado sarau de ginástica, que encerra a época desportiva.

A patinagem também é dinamizada na Velhinha. A secção participa nos campeonatos de distritais de patinagem artística, em vários escalões, e organiza o seu sarau de patinagem.

Em 1995 a Velhinha dinamiza nas suas instalações a prática do Karaté Dó, estilo Shotokai. José Garcia, que também é instrutor, foi o impulsionador, aceitando a

Direcção a proposta da criação de uma secção desta modalidade desportiva, considerada também uma arte de defesa que exige muita concentração e espírito de sacrifício do atleta. O Karatê Dó na Velhinha começou com 10 pessoas mas depressa viu o seu número aumentar, pelo atractivo da modalidade. Está aberta à participação de ambos os sexos, divididos em classes etárias.

Logo no primeiro ano de existência a secção encontrou-se apta para organizar o primeiro torneio de karaté da colectividade. Foi no dia 6 de Junho de 1996, e teve a participação de cerca de 150 atletas, inte-

grando equipas de vários pontos do país.

Todos os atletas estão federados na Federação Portuguesa Karaté de Portugal. Têm participado em vários torneios da modalidade, alcançando resultados que vão de encontro às expectativas da colectividade.

Participam em campeonatos regionais e torneios. Em 1998, a Velhinha organizou, nas suas instalações, o 1º Torneio de Karaté-Dó pré-infantil/infantil .

Em 1977 a Velhinha abre a sua secção de badminton. Na SFRUA a prática de badminton é gratuita, sem qualquer despesa de materiais ou equipamentos. É



*Badminton.*



*Sessão Solene dos 125 anos da SFRUA.*

uma forma de a colectividade cativar e atrair pessoas para a modalidade. José Mário Mata é o coordenador. Actualmente praticam badminton cerca de 20 atletas federados. Em 1998, José Lopes, foi 1º em 2ªs categorias a nível nacional.

A Velhinha também é palco de torneios de badminton, realizando campeonatos abertos e outras competições. Em 1998, decorreu uma jornada do Campeonato Regional de Badminton de Lisboa e Setúbal, em primeiras categorias. José Lopes, atleta da casa, sagrou-se vencedor em singulares masculinos. Em pares masculinos, a dupla José Lopes/António Sousa

também averbou a vitória. Ainda em 1998, em Coimbra, num torneio a contar para o ranking nacional, que contou com a participação de mais de 140 atletas, vários foram os 1ºs lugares em 1ª 2ª e 3ª categorias, conquistados pelos atletas da Velhinha.

Nesta modalidade amadora têm os atletas da Velhinha alcançado prestações de evidência, constituindo mais um dos orgulhos da colectividade.

O basquetebol foi mais uma das modalidades desportivas que levaram bem longe o nome da SFRUA. Em 1994, quando disputaram o campeonato nacional de bas-



*130 anos ao serviço da população de Alhos Vedros.*

quetebol da 2ª divisão B, galvanizaram todo o apoio dos Alhosvedrenses para uma possível subida à 2ª divisão A.

Diversas foram as actividades culturais que existiram e ainda existem na Velhinha, entre as quais se destaca o teatro, rancho folclórico, marchas populares, noites de fados, bailes, desfiles de moda, desfiles históricos com danças palacianas. As marchas populares surgiram nos anos quarenta. O ensaiador foi o sr. Carvajal. A formação de um rancho na colectividade data dos anos cinquenta. Chegaram a

actuar no Estoril. Joaquim Afonso Madeira foi o ensaiador do grupo cénico. Representaram várias peças, algumas das quais proibidas pelo regime. De recordar, também, que a fama dos bailes da SFRUA foi ganha durante os anos da esplanada, anos sessenta. A reputação advinha do vigor da actuação dos grupos musicais, que contagiavam a assistência. João Cruz, dirigente na altura, montou a estratégia de colocar duas bandas em cada baile, ao despique, estimulando, assim, as prestações dos músicos. Por dificuldades de vária ordem,

apesar do esforço dedicado dos sócios da Velhinha, muitas das actividades foram desaparecendo. O relançamento de algumas destas actividades está a ser considerada pela Direcção actual.

Constituem os actuais corpos gerentes da colectividade: Foch Marques (presidente da Mesa da Assembleia Geral), Mário da Cruz Fulgêncio (vice-presidente), Sebastião Zambujo Guerreiro (1º secretário), Manuel Gonçalves Faquinha (2º secretário), Vitor Manuel Rodrigues Cabral (presidente da Direcção), António Manuel Pereira Fernandes (vice-presidente), Mário Fernando Roseira Dias (vice-presidente), Paula Augusta Curto Rosa (secretário-

geral), Lídio Manuel Simões Faquinha (1º secretário), Vitor Carlos Romão Bento (2º secretário), José Dimas de Carvalho Soeiro (tesoureiro), António de Sousa Castanheira, António José Martins Casaca, Carlos Manuel Santos Cebolinho, Fernando Ferreira Dinis, João Sequeira dos Santos, José António Caeiro Ferreira, Nuno Miguel Silveira Rodrigues, Paula Alexandra Firmo Panóias, Torcato Marques Mendes, António Fernandes, Hilário Pereira (vogais), João Correia da Cruz (presidente do Conselho Fiscal), Vladimiro Ramos de Sousa (secretário) e Leonel Alves (relactor).

